

Ajuda externa tranquiliza investidores

O otimismo só não foi maior porque o governo não conseguiu aprovar medida pacote de ajuste fiscal sobre inativos

Ricardo Leopoldo
Da equipe do **Correio**
Com agências

São Paulo — A decisão do Fundo Monetário Internacional (FMI) de liberar US\$ 5,3 bilhões ao Brasil melhorará de imediato a credibilidade do país junto a investidores estrangeiros. A gradual volta dessa confiança permitirá ao governo reduzir os juros para 29% ao ano até o final de dezembro. Os recursos também vão ajudar na captação de empréstimos no exterior de empresas privadas e públicas. Logo depois de a Rússia ter declarado moratória de sua dívida interna (suspenso do pagamento) em 17 de agosto, os países emergentes ficaram sem acesso a créditos no exterior.

John Welsh, economista-chefe para as Américas do banco Paribas em Nova York, acredita que a situação financeira do Brasil melhorou muito desde que o FMI e 20 países prometeram um auxílio de US\$ 41,5 bilhões para enfrentar a crise. Outro fator fundamental para a melhora do humor dos investidores foi o anúncio do pacote fiscal feito pelo governo, que pretende diminuir as despesas públicas em R\$ 28 bilhões no próximo ano. "O cenário melhorou bastante, pois haviam muitas nuvens no ar até outubro. Mas a reação do Brasil às dificuldades internacionais foi muito eficiente", comenta.

O ex-ministro da Fazenda Marcílio Marques Moreira acredita que a redução dos juros será gradual, e deverá chegar a 27% até o início de janeiro. Em 1999, se os municípios, estados e União estiverem cortando os gastos como o governo prometeu ao FMI, a taxa deverá chegar a 20% até o final de junho.

Com um cenário financeiro bem mais favorável já no início do ano, Moreira prevê que o País deverá voltar a captar recursos no exterior já na segunda semana de janeiro.

Edmar Bacha, um dos pais do Plano Real e sócio do banco BBA Creditanstalt, diz que junto aos US\$ 5,3 bilhões do FMI o Brasil deverá receber mais US\$ 5,1 bilhões, empréstimo que está sendo coordenado em Genebra (Suíça), pelo Banco de Compensações Internacionais (BIS em inglês). No pacote articulado pela instituição estão previstos US\$ 14,53 bilhões para os próximos três anos. As colaborações virão de 20 países. Entre eles estão Estados Unidos (US\$ 5 bilhões), Alemanha (US\$ 1,25 bilhões), Portugal (US\$ 350 milhões) e Grécia (US\$ 50 milhões). "Trata-se de um aporte imediato de US\$ 10 bilhões que vão fortalecer as nossas reservas internacionais", comentou.

Mas o otimismo foi um pouco diminuído no final da noite, quando

chegou em Nova York a notícia de que o governo perdeu no Congresso a cobrança das aposentadorias dos inativos. Para Thomas Trebat, economista do Salomon Smith Barney, a notícia foi "muito ruim", justamente no momento que o Brasil recebia os primeiros recursos do pacote de ajuda financeira internacional. "Agora os investidores poderão ficar com a impressão que o País não aprovará todo o ajuste fiscal, porque já conseguiu o dinheiro do FMI", diz. "O governo poderá reverter esse quadro, mas essa medida trará um impacto negativo a quem está apreensivo com o Brasil."

PERDAS

O País continua perdendo recursos externos e essa situação deverá ser mantida até o fim do ano com o país perdendo cerca de US\$ 3,5 bilhões das reservas internacionais em dezembro, segundo cálculos de especialistas do mercado. As contas foram feitas com base nos compromissos de empresas e na remessa de lucros que ainda devem acontecer neste

mês. Somadas a esse total as saídas de US\$ 1,8 bilhão registradas no mercado de câmbio em novembro, o País fecharia o ano com reservas em torno

de US\$ 37,1 bilhões. O que compensará essa perda será justamente o dinheiro acertado com o FMI (os US\$ 5,3 bilhões).

Isso elevará as reservas internacionais para US\$ 42,4 bilhões e impedirá que o Brasil retorne aos níveis registrados em 1994, antes da crise do México. Somente no primeiro trimestre de 1999, avaliam os especialistas, será possível realmente verificar alguma retomada do fluxo de recursos estrangeiros para o País. "A saída de dólares diminuiu em relação aos meses de pico da crise mas deverá continuar. Para os investidores esta não é a hora de tomar novas posições em países emergentes. Predomina no mercado a aversão a qualquer tipo de risco", afirma o economista da Consultoria Tendências, Roberto Padovali. Além da desconfiança em relação ao futuro dessas economias emergentes, entre elas o Brasil, pensam na decisão dos investidores os prejuízos registrados este ano em função da crise mundial.

Como dezembro é um mês de fechamento de balanço, os bancos querem evitar maiores exposições que possam comprometer ainda mais a contabilidade do ano. Com isso, jogam para 1999 as decisões sobre investimentos que envolvam algum tipo de risco. Por isso, o mercado de ações continua em ritmo de baixa e desanimado. A Bolsa de São Paulo fechou ontem com queda de 1,12%. As perdas na Bolsa do Rio foram de 0,91%.

ACORDO COM O

